

O PAPEL DO GÊNERO TEXTUAL NA VARIAÇÃO ESTILÍSTICA: EM BUSCA DE PADRÕES COMUNITÁRIOS

THE ROLE OF TEXTUAL GENRE ON STYLE-SHIFTING: LOOKING FOR COMMUNITARIAN PATTERNS

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CNPq

RESUMO

Com base no suporte teórico fornecido pela sociolinguística variacionista, analiso os conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO como variantes da “sequenciação retroativo-propulsora”, uma função gramatical que é responsável pela conexão de um enunciado precedente a um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o que já foi dito. Os dados são provenientes de 24 entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados VARSUL de Florianópolis (SC) e foram submetidos ao GOLDVARB 2001. Tenho por objetivos: (i) controlar o gênero textual como índice de variação estilística entre os conectores E, AÍ e ENTÃO na comunidade de fala de Florianópolis (SC); e (ii) averiguar se há padrões comunitários de variação estilística que se mantenham constantes, independentemente do sexo e da idade dos falantes. Como principais resultados, aponto que: (i) o conector AÍ, uma variante vernacular, é favorecido na narrativa de experiência pessoal, gênero textual marcado pela informalidade; e (ii) os conectores E e ENTÃO, variantes de prestígio, são favorecidos no relato de opinião, gênero textual marcado pela formalidade. Esses padrões permanecem constantes na comunidade de fala, mesmo quando são consideradas as distribuições relativas ao sexo e à idade.

Palavras-chave: conectores sequenciadores; gênero textual; variação estilística.

ABSTRACT

From the theoretical support provided by variationist sociolinguistics, I analyze sequencing connectors E, AÍ and ENTÃO as variants of “retroactive-propeller sequencing”, a grammatical function which is responsible for connecting a past statement to a future one, creating the expectancy that something new will be introduced in discourse, in continuity and consonance with what was already said. The data come from 24 sociolinguistic interviews

from the VARSUL Data Base of Florianópolis (SC) and were submitted to GOLDVARB 2001. I aim (i) to control textual genre as an indicator of a style-shifting phenomenon involving E, AÍ and ENTÃO in the speech community of Florianópolis; and (ii) to investigate if there are communitarian patterns of style-shifting which remain constant across different genders and ages. As main results, I point that: (i) connector AÍ, a vernacular variant, is favored in narratives of personal experience, a textual genre marked by informality; and (ii) connectors E and ENTÃO, prestige variants, are favored in relates of opinion, a textual genre marked by formality. These patterns remain constant along the speech community, even when sex and gender distributions are taken into account.

Keywords: sequencing connectors; style-shifting; textual genre.

INTRODUÇÃO

Analiso um fenômeno de variação estilística envolvendo uma categoria gramatical, a *sequenciação retroativo-propulsora de informações*, cujas formas variantes mais frequentes no português brasileiro contemporâneo são os conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO. Observem-se alguns exemplos:

- (1) A população nativa, do interior da Ilha, não foi alertada pra isso, não foi educada pra isso. **E** hoje assistimos várias famílias nativas de Florianópolis na miséria porque venderam o seu- as suas terras por preços insignificantes, né? (FLP21)
- (2) Tem que deixar alguma coisa registrada, que marque na pessoa o mal que ela fez. A pessoa lá roubou: corta uma mão, **aí** o dia que ele for roubar, ele vai lembrar que aquela mão está faltando, ele vai pensar no que está fazendo. (FLP14)
- (3) Porque é uma educação rude, e eu não posso hoje. Porque- porque se eu fizer esse tipo de- de educa- permitir esse tipo de educação para os meus filhos, hoje eu vou me tornar uma pessoa ignorante, vão me chamar de ignorante, né? Ou ignorante ou um ca- um cara, assim, antigo, né? esse negócio todo aí. **Então** não posso permitir esse tipo de educação. (FLP18)

Fazendo uso de entrevistas sociolinguísticas do Banco de Dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL) como fonte de dados, tenho por objetivos: (i) controlar o gênero textual como índice de variação estilística entre os conectores E, AÍ e ENTÃO na comunidade de fala de Florianópolis; e (ii) averiguar se os padrões comunitários de variação estilística se mantêm constantes, independentemente do sexo e da idade dos falantes.¹

Nas próximas seções, descrevo e exemplifico a sequenciação retroativo-propulsora de informações (seção 1); relaciono a proposta de variação estilística da sociolinguística variacionista ao caso dos conectores E, AÍ e ENTÃO (seção 2); levanto a possibilidade de controle de diferentes graus de formalidade através do viés do gênero textual e descrevo os dois gêneros que considero neste estudo, narrativa de experiência pessoal e relato de opinião (seção 3); elenco os procedimentos metodológicos adotados (seção 4); teço as hipóteses e analiso os resultados obtidos (seção 5); e apresento as considerações finais (seção 6).

1. Sequenciação retroativo propulsora de informações

A sequenciação retroativo-propulsora de informações é uma função gramatical responsável pelo estabelecimento de uma relação coesiva entre um enunciado precedente e um posterior, gerando a expectativa de que algo novo será introduzido no discurso, em continuidade e consonância com o que já foi dito (cf. TAVARES, 2003, 2012).

Quando recorremos à sequenciação retroativo-propulsora, colocamos em jogo duas estratégias simultâneas: (i) a *retroação*, conduzindo a atenção de nosso interlocutor para trás no discurso, e (ii) a *propulsão*, conduzindo a atenção do interlocutor para a frente, para um enunciado que está por vir. Ou seja, realizamos um movimento duplo: anafórico e catafórico. Esse movimento é codificado, no português brasileiro contemporâneo, especialmente por três conectores: E, AÍ e ENTÃO, que articulam partes do discurso de proporções variadas, desde informações conectadas localmente em orações, a tópicos/assuntos conectados globalmente, e indicam as seguintes relações semântico-pragmáticas:

¹ Este texto dá continuidade à análise do papel do gênero textual no uso variável dos conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO apresentada no VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais e sintetizada em Tavares (2011).

1. Sequenciação textual: sinalização da ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção textual anterior com uma posterior.²

- (4) Agora têm muitas que estão nessa vida porque gostam disso aí, gostam de zoeira, essas coisas, e muitas estão ali obrigadas, tá? **Então**, eu respeito todo ser humano, agora, pra mim, eu acho isso assim, pra mim, a minha índole, eu acho errado. Que eu acho tem tanto serviço que a pessoa, né? podia ter mais- São- todo ser humano é capaz a qualquer coisa que quer na vida. (FLP16)

2. Sequenciação temporal: introdução de eventos na ordem de ocorrência no tempo, isto é, indicação de que o evento B aconteceu logo depois do evento A.

- (5) O meu avô quando sabia dos possuídos, ora, né? Tirava- acabava com a história na hora, né? Tirava a cinta e despossuía na hora: “Faz o favor de despossuir.” (FLP01)

3. Consequência/conclusão: introdução de informações que representam consequência ou conclusão em relação ao que foi dito previamente.

- (6) Eles botaram ela, assim, num monte de aparelhos, sabe? **Aí** ela deu uma melhorazinha. (FLP03)

4. Retomada: movimento de recuperação do fluxo temático anterior, interrompido por uma digressão. A informação retomada reaparece de forma literal ou com a alteração de alguns vocábulos.

- (7) Ele me apareceu em casa. **Aí**, tá. **Aí**, parece que andou brigando. [Não sei bem como é que foi o negócio, porque ele nem de brigar ele era.] **Aí** parece que ele andou brigando, tinham machucado ele. Peguei, fiquei com pena, botei ele dentro de casa. (FLP03)³

² Embora tenha apresentado apenas um exemplo de cada relação semântico-pragmática, saliento que E, **Aí** e **ENTÃO** são usados na indicação de todas elas.

³ O símbolo [marca o início da digressão e o símbolo] marca o seu final.

5. Finalização: adição de uma informação que finaliza um tópico ou subtópico. Geralmente estão presentes elementos anafóricos como *assim*, *isso*, *esse*, *essa* etc.

- (8) A cidade ficou limitada ao centro da cidade, ao miolo da cidade, que está por demais congestionado, que deveria até ser proibido definitivamente, talvez, a passagem de veículos, mas por falta de opções, hã? foram as coisas se modificando sem realmente o devido planejamento nessa- nessa área. E as incompreensões: é o particular, é o (hes) próprio poder público, no caso da Marinha, e outros que dificultaram. **Então** eu acho que esses são problemas- problema viário da- da cidade, tem alguns problemas sérios. (FLP21)

2. Variação estilística: variantes vernaculares *versus* variantes prestigiadas

Na sociolinguística variacionista, a noção de formalidade é central para o estudo da variação estilística. Labov defende a existência de uma escala de estilos de menos a mais formal. Essa escala vai do vernáculo ou fala casual, “o estilo em que o mínimo de atenção é dado ao monitoramento da fala” (LABOV, 1972, p. 208), isto é, o falante concentra mais a atenção no que fala e menos no como fala, a estilos mais formais, em que o falante tende a monitorar com mais atenção o modo como diz.

Os indivíduos são, pois, capazes de ajustar sua fala ao grau maior ou menor de formalidade requerido pelas diferentes situações de interação em que se engajam. Assim é que, em situações identificadas, por diferentes razões, como mais formais, os indivíduos tendem – consciente ou inconscientemente – a fazer maior uso de variantes prestigiadas pela comunidade de fala. As variantes dignas de prestígio por parte de uma comunidade de fala tendem a ser consideradas como típicas de contextos mais formais e são, geralmente, vinculadas à língua culta. Por sua vez, as variantes desprestigiadas são comumente tidas como impróprias para contextos mais formais e costumam ser mais frequentes no vernáculo, o estilo que representa a manifestação mais casual e espontânea da língua, aquela que emerge nas situações de interação mais informais e/ou com maior carga de emotividade.

Há situações de variação em que uma variante é claramente avaliada como não pertencente à variedade culta de uma língua. É o caso do conector AÍ, que costuma ser apontado não apenas como típico de situações de interação mais informais, mas mesmo como um vício de linguagem. Assim sendo, esse conector pode ser considerado uma variante vernacular. Em contraste, os conectores E e ENTÃO não são rejeitados na variedade culta do português brasileiro e muitas vezes são apresentados como alternativas mais adequadas ao emprego do conector AÍ em situações de interação mais formais.⁴

A cada situação de interação, o falante pode deixar emergir estilos de diferentes graus de formalidade e mesmo mudar de estilo. Membros de uma mesma comunidade de fala costumam mudar de estilo de modo regular nas mesmas circunstâncias, muitas vezes fazendo uso das mesmas formas variantes para sinalizar essa mudança (cf. LABOV, 2003). Por exemplo, se a mudança for na direção de um estilo mais formal, os falantes tendem a aumentar o emprego das mesmas variantes prestigiadas e a diminuir o emprego das mesmas variantes desprestigiadas. O contrário tende a ocorrer se a mudança for na direção de um estilo mais informal.⁵

Por conseguinte, minha hipótese é que, no que se refere aos conectores sob enfoque, caso os falantes adotem um estilo mais informal, podem aumentar o uso do AÍ, a variante vernacular, e diminuir o uso do E e do ENTÃO, variantes prestigiadas. Se houver alterações na situação de interação que estimulem uma mudança na direção de um estilo de maior formalidade, a taxa de emprego do AÍ pode ser reduzida e a taxa de emprego do E e do ENTÃO pode ser ampliada.

3. Gênero textual como índice de variação estilística: narrativa de experiência pessoal *versus* relato de opinião

⁴ No ano 2000, realizei, com membros da comunidade de fala de Florianópolis, um teste de avaliação a respeito dos conectores sequenciadores E, AÍ, DAÍ e ENTÃO. Nas respostas dadas a esse teste, os conectores AÍ e DAÍ foram avaliados como inadequados para situações de interação mais formais, em contraste com os conectores E e ENTÃO, tidos como apropriados para tais situações. Mais informações a respeito podem ser obtidas em Tavares (2003) e Tavares (2011).

⁵ A mudança de estilo pode ser deliberada e envolver o emprego consciente de certas variantes, ou pode ser inconsciente e envolver o emprego de variantes que as pessoas sequer percebem que estão usando (cf. SCHILLING-ESTES, 2002).

A entrevista sociolinguística, gênero textual⁶ no qual recolhi os dados, possui sessões de maior e de menor formalidade (cf. LABOV, 2001; ECKERT, 2001). Portanto, é imprescindível que pesquisas sobre fenômenos variáveis que se valem desse tipo de entrevista como fonte de dados controlem o grau de formalidade como um possível condicionador da variação.

Neste estudo, realizo o controle de diferentes graus de formalidade através do viés do gênero textual, posto que gêneros textuais de diferentes graus de formalidade são produzidos pelo informante no decorrer de uma entrevista sociolinguística (cf. SCHIFFRIN, 1994; ECKERT, 2001; TAVARES, 2011).

Nas entrevistas do Banco de Dados VARSUL de Florianópolis analisadas por mim, são muito frequentes as narrativas de experiência pessoal, os relatos de opinião e as descrições de vida (denominadas por Labov (2001) de pseudonarrativas), mas também aparecem narrativas de experiência vicária, narrativas de romances, filmes e novelas, receitas culinárias e outros gêneros instrutivos, lendas, etc. Optei por levar em conta as ocorrências dos conectores E, AÍ e ENTÃO em dois desses gêneros, que se opõem quanto à formalidade: a narrativa de experiência pessoal e o relato de opinião.⁷

A narrativa de experiência pessoal é uma narrativa não ficcional em que o narrador conta um ou mais eventos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo a si mesmo e, talvez, a outros indivíduos. Nesse gênero, predominam sequências narrativas, caracterizadas pela sequenciação cronológica de eventos passados, temporalmente delimitados, pontuais, correlacionando-se ao pretérito perfeito, sequencial e ancorado no evento, e ao aspecto perfectivo, compacto e completo.⁸

⁶ A entrevista sociolinguística é um gênero textual ligado ao domínio científico, mais especificamente, ao domínio da ciência da linguagem (cf. FREITAG *et al.*, 2009), e, mais especificamente, é um gênero textual do domínio de um dos ramos da linguística, a sociolinguística variacionista, no âmbito dos procedimentos metodológicos de coleta de dados, uma vez que se trata de um gênero textual que foi intencionalmente elaborado com a finalidade, entre outras, de facilitar a obtenção de um grande número de dados de diferentes fenômenos variáveis.

⁷ A ocorrência de gêneros 'dentro' de um gênero (como a narrativa de experiência pessoal e o relato de opinião dentro da entrevista sociolinguística) também se dá em outras situações (podemos ter narrativas de experiência pessoal e outros gêneros dentro do gênero *aula*, ou do gênero *romance*, por exemplo).

⁸ Nas narrativas de experiência pessoal, além das predominantes sequências narrativas, podem aparecer também sequências argumentativas, explicativas, descritivas e injuntivas.

Labov e Waletzky (2003[1967]) apresentam um modelo de estruturação da narrativa de experiência pessoal com os seguintes componentes:

- i. resumo (sumariza a experiência que será expandida ao longo da narrativa);
- ii. orientação (refere-se à informação de fundo sobre tempo, espaço e identidade dos participantes da narrativa);
- iii. ação complicadora (refere-se às orações narrativas que descrevem os eventos centrais da narrativa na ordem em que ocorrem no tempo até a sua resolução);
- iv. avaliação (a parte da narrativa em que são acentuados diferentes aspectos da experiência narrada de modo a revelar o ponto central da história);
- v. coda (término da narrativa com um comentário final).

Para um texto ser definido como narrativa de experiência pessoal, não é necessário que todos esses componentes estejam presentes, mas a ação complicadora é essencial.

A narrativa de experiência pessoal tende a ser um dos gêneros mais marcados pela informalidade em uma entrevista sociolinguística, pois o informante costuma estar mais absorto emocionalmente no que diz e mais despreocupado com a opinião do entrevistador do que em outros gêneros que produz na mesma entrevista. Sua fala se torna, pois, um campo fértil para a emergência do vernáculo, o estilo de fala mais informal.

Vejam-se dois exemplos de narrativas de experiência pessoal, com destaque para os conectores sequenciadores:

(9)

E: Alguma vez, assim, teve alguma tragédia que tivesse alguma coisa, assim, algum perigo grave que tu achaste que ia te acontecer alguma coisa?

I: Ah, aconteceu sim. Nós fomos- eu me lembro que nós fomos pra uma praia uma- é Caieira. Conheces essa praia? Pois é, é aqui, né? E a gente se met- Aliás, como pra variar, né? a gente se meteu- começou, assim, a andar pela- pela- pela estrada, foi, foi, foi. **Aí** chegou num- num determinado ponto, a gente

queria voltar pela praia, pelas pedras, né? Porque tinha uma parte que adentrava no mar e voltava pelas pedras, né? **E** era bem peri- perigoso. **E** a gente foi. **Aí** eu disse: “Meu Deus do céu”, foi- foi um desespero, foi um desespero! Não dava pra voltar. Chega uma determinada hora que não dá mais pra voltar. **E** o mar ta- estava subindo. Foi um- foi uma coisa horrorosa, sabes? Ali, não sei, ali- na hora, eu fiquei com medo porque eu achava que a gente não ia conseguir mais voltar, né? Tu vias a praia, tudo, mas não tinham condições. As pedras, chegando nesse ponto, eram muito- ficavam muito dentro da água, porque estava- a maré estava subindo. **Então** não dava. Nesses dias- essa época aí, esse- esse dia, né? não seria época, dia, foi uma coisa que me marcou muito. Eu tive bastante medo. Na época, não era mais uma brincadeira, não era como a gente fazia de escuro, de pular dentro do buraco Não era mais uma brincadeira, **aí** era uma coisa verdadeira mesmo. É que estava todo mundo ali e não tinha ninguém pra ajudar a gente, né? **Aí** eu lembro que a gente- a gente, assim, deu- se deu as mãos e a gente rezou muito, muito, muito. **Aí** depois disso, acho que, né? depois da- da prece que a gente fez, a gente, daí, conseguiu passar. Mas foi, assim, uma coisa assustante, pra gente, porque a gente era pequena, uma coisa assusta- assustadora. A gente era pequena. **Então** foi- foi bem- isso me marcou bastante. O medo, né? Porque antes era tudo brincadeira. A gente sempre- Aliás a gente sempre se metia nas coisas, mas era todo mundo junto. Sempre tinha alguma coisa, né? Quando a gente ia dentro do mato, encontrava alguém estranho, mas estava todo mundo junto. Saía correndo, chegava na casa do avô. E ali não, era mar, não tinha ninguém, não tinha mãe perto, não tinha avô, não tinha ninguém perto. **E** a gente estava sozinho, se viu sozinho, né? **Aí** foi- foi bem assustador. Isso foi uma coisa que marcou bastante. (FLP01)

(10)

E: E depois como é que o senhor saiu de lá?

I: **Aí**, essa casa aqui estava fechada, (ruído de vozes) né? **Aí**, eu

fui lá, tive- (hes) falei com o reitor, né? que eles precisavam daquilo ali, **ai** ele- ele disse: “Não. Nós vamos indenizar” **Aí** essa casa aqui estava fechada já um período de tempo, né? **E** eu ainda saí daqui, porque esse rapaz aqui, o- esse menino aqui da venda, me levou em Itajaí, tinha o dono dessa casa que estava em Itajaí. E essa casa em venda- **Aí**, ele me levou, ainda fomos à noite, durante a noite. **Aí** nós saímos daqui, à noite, daí fomos lá, na casa do- do homem, né? **e** eu conhecia ele, né? **e** ele também se dava bem comigo. **Aí** quando chegamos- Chegamos lá **e** começamos a conversar, conversar, conversar à noite, né? diz ele assim: “Não, tudo bem, né?” Pegou os papéis da casa, diz ele, assim: “Está na sua mão.” “A casa é sua.” Eu disse: “Ó, só tem uma coisa, né? que eu vou mudar imediatamente.” Hum, olha, mas eu não tinha pego o dinheiro lá ainda, eu disse: “Ó, o dinheiro eu vou pegar tal dia e tal. Não tenho.” **Aí** eu disse: “Ó, agora nós vamos- vamos fali- falar com o advogado pra gente entrar tudo em acordo, tudo certinho para não haver desavenças de nada.” “Não, não tem perigo.” **Aí** eu sei que a cabo de três dias, **ai** ele apareceu aqui, **ai** nós fomos lá, lá no reitor, daí- **ai** ele passou já o cheque, aí (“fui no banco”), já recebi um dinheiro, já- já paguei pra ele **e** ficou- e ficou tudo certo. (FLP05)

No relato de opinião, ocorre a defesa do ponto de vista do falante sobre um certo tema visando o convencimento e a adesão do interlocutor a esse ponto de vista. O tema sobre o qual discorre o falante em um relato de opinião geralmente tem natureza polêmica e é de interesse público, podendo envolver os mais variados âmbitos (social, político, econômico, religioso, cultural, científico, etc.).

No gênero em questão, predominam sequências argumentativas para a defesa do posicionamento assumido através da apresentação de argumentos, e, não raro, também sequências explicativas para o fornecimento de informações (análises, explicações, comentários) que fundamentam os argumentos apresentados. Ambas as sequências correlacionam-se com o tempo presente, não sequencial e ancorado na fala, e o aspecto imperfectivo,

durativo e incompleto.⁹

A estrutura composicional do relato de opinião não é fixa. O ponto de vista defendido pode ser apresentado já de início e depois ser fundamentado através de argumentos, ou os argumentos podem ser listados antes da apresentação do ponto de vista, que, neste caso, conclui o relato. Também é possível que o ponto de vista seja reapresentado várias vezes, entremeando a tessitura dos argumentos.

O relato de opinião costuma ser um dos gêneros mais formais em uma entrevista sociolinguística, pois requer que o informante assuma e defenda uma posição frente a um tema polêmico (o qual nem sempre domina), que busque fazer o entrevistador concordar com essa posição, que leve em conta possíveis opiniões divergentes por parte do entrevistador, refutando-as ou negociando-as, e que tenha cuidado como a veracidade dos argumentos que apresenta. Esses requerimentos geralmente levam o informante a ser mais cuidadoso em relação ao que diz, o que pode ter reflexos no como diz, com a adoção de um estilo mais formal, com menor presença de variantes vernaculares.

Vejam-se dois exemplos de relatos de opinião, com destaque para os conectores sequenciadores:

(11)

E: Eu acho, pessoalmente, que é meio arriscado esse negócio de pegar uma criança, né? para criar ou para cuidar porque no fim eles acabam se revoltando, né?

I: Ô, ô Jô, eu discordo disso aí. Sabes por quê? Eu, uma vez, eu discordei com um psi- psicólogo da Universidade, que a gente fez um treinamento, lá, ele diz que a- a ocasião faz o ladrão. Eu acho que não tem nada a ver. O que tu nascas, o que tu trazes dentro do teu cérebro é aquilo que tu fazes. **Então**, a marginalidade, ela vem de quê? Ela vem duma- São crianças, né? **Aí** se juntam com maus elementos. Se tu tens uma cabeça, uma índole boa, tu te re- tu recuas, tu vais, mas tu não fazes, porque tu sabes que tu estás errado. **Aí**, aquela pessoa que tem a cabeça mais fraca, **aí** ela continua fazendo. **E** ela, sim, ela vai no fundo,

⁹ Nos relatos de opinião, além das predominantes sequências argumentativas e explicativas, podem aparecer também sequências narrativas, descritivas e injuntivas.

nisso aí, tá? Mas eu acho que cada um traz a sua personalidade. Eu não sou muito desse negócio, psicólogo, analista, não. Eu sou mais assim, tratar o ser humano com carinho, com amor. Seja ela o nível que for. Seja ela uma prostituta, seja ele um assassino, acho que tudo tem uma recuperação. (FLP16)

(12)

I: [...] Primeiro ano eu lecionei com o primeiro ano primário, e nos outros três anos eu lecionei pra terceiro ano. Uma classe bem melhor de se trabalhar. É. /¹⁰ **Então** eram crianças que quase não frequentavam a aula, queriam porque queriam ter frequência **e** queriam que no final do ano passasse. **E** os pais que- achavam que o filho tinha que passar. Mas de maneira alguma. Eu acho que a criança se não frequenta uma aula, **e** ele não estuda, não pode passar. **Então** foi, assim, uma época meio difícil da gente atravessar porque eram partes de pais que ti- pes- de pescaria, né? ponto de pescaria e é uma- é uma situação, assim, professor com os pais, muito difícil, são pais que não entendem, sabe? Por exemplo, se é um dia que estão pegando peixe, a época da tainha, vão aquelas crianças tudo já para o- pra praia. **Então** eles acham que a gente tem que dar frequência pra criança, porque a criança estava trabalhando. Mas não, a escola é uma coisa e o trabalho da casa é outra, né? (FLP12)

4. Procedimentos metodológicos

Coletei 1.021 dados dos conectores E, AÍ e ENTÃO em narrativas de experiência pessoal e em relatos de opinião nos trinta minutos finais de 24 entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao Banco de Dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL). Essas entrevistas foram feitas com informantes naturais de Florianópolis (SC), distribuídos homogeneamente de acordo com os seguintes fatores socioculturais: *sexo, idade* (de 25 a 45 anos

¹⁰ A barra marca o começo do relato de opinião, que surge depois de o informante listar os locais em que trabalhou como professor e os anos escolares para os quais lecionou (o informante estava tecendo uma espécie de autobiografia).

e de 50 anos em diante) e *escolaridade* (primário - equivalente ao fundamental I -, ginásio - fundamental II - e colegial - ensino médio).

Submeti os dados a tratamento estatístico através do programa GOLDVARB 2001 (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), para cálculo de frequências, percentuais e pesos relativos,¹¹ e para a identificação da ordem de significância dos grupos de fatores. Realizei rodadas binárias do programa, considerando cada variante *versus* as demais.

Controlei como possíveis condicionadores da variação entre os conectores E, AÍ e ENTÃO: (i) o gênero textual; (ii) a relação semântico-pragmática; (iii) o nível de articulação; (iv) o grau de conexão, (v) o sexo; (vi) a idade; e (vii) o nível de escolaridade.

Neste estudo, apresento os resultados referentes ao gênero textual e a dois cruzamentos, um do gênero textual com o sexo e outro do gênero textual com a idade. O gênero textual foi selecionado, pelo GOLDVARB 2001, na seguinte ordem de significância: em primeiro lugar para o AÍ, e em terceiro lugar para o E e para o ENTÃO.

5. Variação estilística: em busca de padrões comunitários

Passemos à tessitura das hipóteses... O conector AÍ, uma variante vernacular, deve ter seu uso condicionado favoravelmente nas narrativas de experiência pessoal, uma vez que essas narrativas representam, na entrevista sociolinguística, um contexto que estimula o aparecimento das variantes vernaculares que o informante costuma empregar nas situações de interação informais do dia a dia.

Por sua vez, o relato de opinião está entre os gêneros mais marcados pela formalidade em uma entrevista sociolinguística e, por isso, deve restringir o uso do conector AÍ. Em contraste, deve favorecer o uso dos conectores E e ENTÃO, que não costumam ser barrados no conjunto das formas cultas da língua e que, portanto, representam contrapartes possíveis ao uso do AÍ em contextos mais formais.

A tabela 1 traz os resultados obtidos:

¹¹ O *peso relativo* é uma medida multidimensional ou multivariada, obtida pela interação entre todos os fatores de cada grupo de fatores considerados em relação ao fenômeno variável, e indicando a influência de cada um dos fatores sobre cada uma das variantes.

TABELA 1: distribuição de E, AÍ e ENTÃO quanto ao gênero textual

GÊNERO	E			AÍ			ENTÃO		
	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR	Apl./Total	%	PR
NEP	245/663	37	0.466	305/663	46	0.639	113/663	17	0.407
RO	170/358	48	0.563	30/358	8	0.257	158/358	44	0.638
TOTAL	415/1.021	41		335/1.021	33		271/1.021	26	
	<i>Input: 0.406 Sig: 0.009</i>			<i>Input: 0.328 Sig: 0.000</i>			<i>Input: 0.265 Sig: 0.012</i>		

A hipótese de que os conectores E e ENTÃO seriam condicionados favoravelmente pelo relato de opinião foi atestada. Os pesos relativos e as frequências associadas ao E e ao ENTÃO, nesse gênero textual, são altos: temos um peso relativo de 0.563 para o E, com frequência de 48%, e um peso relativo ainda maior para ENTÃO, de 0.638, com frequência de 44%. Assim sendo, parece que o relato de opinião é um gênero em que o E e o ENTÃO podem transitar sem restrições. Em contraste, o conector AÍ tem seu emprego fortemente desfavorecido no gênero em questão, apresentando uma taxa de ocorrência de apenas 8% e um peso relativo de 0.257.

A hipótese de que o AÍ seria condicionado positivamente pela narrativa de experiência pessoal também foi atestada. Nesse gênero textual, foi atribuído ao AÍ o peso relativo de 0.639, com frequência de 46%. Por sua vez, o E e o ENTÃO têm seu uso desfavorecido na narrativa de experiência pessoal, com pesos relativos de 0.466 e 0.407 e frequências de 37% e 17%, respectivamente.

Esses resultados mostram que há uma forte correlação entre: (i) a narrativa de experiência pessoal, um gênero textual caracterizado por maior informalidade, e a utilização do conector AÍ, uma variante vernacular; e (ii) o relato de opinião, um gênero textual tipicamente de maior formalidade, e a utilização dos conectores E e, especialmente, ENTÃO, variantes bem conceituadas na comunidade de fala de Florianópolis.

Para Labov (2001), as entrevistas sociolinguísticas são as melhores fontes para a coleta de dados quando se visa o estudo da variação estilística na totalidade de uma comunidade de fala, uma vez que essas entrevistas são produzidas por uma amostra representativa de membros da comunidade, incluindo indivíduos de diferentes classes sociais, etnias, idades, sexos,

etc. Recorrendo a elas, o pesquisador pode ter facilitada a descoberta de padrões de variação estilística partilhados pelos membros da comunidade investigada.

Uma vez que, neste estudo, utilizo entrevistas sociolinguísticas como fonte de dados, tenho a possibilidade de averiguar se os padrões de variação estilística entre os conectores *E*, *AÍ* e *ENTÃO* referentes à totalidade da comunidade de Florianópolis são partilhados pelos membros dessa comunidade quando se levam em conta diferenças de natureza sociocultural existentes entre eles.

Minha hipótese é que os falantes, independentemente de fatores socioculturais, sigam a tendência da comunidade de aumentar o uso do *AÍ* e de diminuir o uso do *E* e do *ENTÃO* nas narrativas de experiência pessoal, bem como sigam a tendência da comunidade de diminuir o uso do *AÍ* e de aumentar o uso do *E* e do *ENTÃO* nos relatos de opinião.

Para testar essa hipótese, selecionei dois dos fatores socioculturais considerados pelo Banco de Dados VARSUL na organização de suas entrevistas sociolinguísticas, o sexo e a idade dos falantes, e realizei dois cruzamentos estatísticos através do GOLDVARB 2001: (i) um cruzamento dos resultados referentes ao gênero textual com os resultados referentes ao sexo; e (ii) um cruzamento dos resultados referentes ao gênero textual com os resultados referentes à idade. Os resultados obtidos através desses cruzamentos são apresentados a seguir.

TABELA 2: gênero textual e sexo

CONECTORES	FEMININO				MASCULINO			
	NEP		RO		NEP		RO	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>E</i>	189	39	58	42	56	32	112	51
<i>AÍ</i>	224	46	17	12	81	46	13	6
<i>ENTÃO</i>	74	15	64	46	39	22	94	43
TOTAL	487	100	139	100	176	100	219	100

Tanto as mulheres quanto os homens utilizam bem mais o *AÍ* na narrativa de experiência pessoal que no relato de opinião. O *AÍ* representa, sozinho, 46% dos dados de conectores sequenciadores nas narrativas

de experiência pessoal, tanto entre as florianopolitanas quanto entre os florianopolitanos. No relato de opinião, o emprego do AÍ diminui para 12% na fala feminina e para 6% na fala masculina.

Quanto ao E, os homens recorrem mais a esse conector no relato de opinião (51%) em contraste com a narrativa de experiência pessoal (32%). As mulheres também fazem mais uso do E no relato de opinião (42%) que na narrativa de experiência pessoal (39%), porém a diferença em termos percentuais é pequena.

Finalmente, no que diz respeito ao ENTÃO, ele aparece bastante no relato de opinião entre as mulheres (46%) e entre os homens (43%), ao passo que sua taxa de ocorrência é mais baixa na narrativa de experiência pessoal tanto na fala feminina (15%), quanto na fala masculina (22%).

TABELA 3: gênero textual e idade

CONECTORES	DE 25 A 50 ANOS				MAIS DE 50 ANOS			
	NEP		RO		NEP		RO	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
<i>E</i>	154	35	46	42	91	40	124	50
<i>AÍ</i>	214	49	6	5	91	40	24	10
<i>ENTÃO</i>	69	16	59	53	44	20	99	40
TOTAL	437	100	111	100	226	100	247	100

Em relação à faixa etária, o AÍ é mais utilizado na narrativa de experiência pessoal que no relato de opinião, independentemente da idade do informante. Sua taxa de aparecimento é de 49% nas narrativas de indivíduos de 25 a 50 anos e de 40% nas narrativas de indivíduos de mais de 50 anos, sendo que essas taxas recuam para 5% e 10%, respectivamente, considerando-se o relato de opinião.

O E e o ENTÃO são mais frequentes no relato de opinião, tanto entre indivíduos de 25 a 50 anos (46% de E e 59% de ENTÃO), quanto entre indivíduos de mais de 50 anos (50% de E e 40% de ENTÃO). Em contraste, esses conectores são menos recorrentes na narrativa de experiência pessoal, tanto entre os mais jovens (35% de E e 16% de ENTÃO), quanto entre os mais velhos (40% de E e 20% de ENTÃO).

Portanto, a variação estilística envolvendo o uso dos conectores E, AÍ e ENTÃO nos gêneros textuais narrativa de experiência pessoal e relato de opinião ocorre sempre na mesma direção na comunidade de fala de Florianópolis, mesmo quando se correlacionam esses padrões à idade e ao sexo:

- (i) o uso do AÍ aumenta na narrativa de experiência pessoal e diminui no relato de opinião;
- (ii) o uso do E e do ENTÃO aumentam no relato de opinião e diminuem na narrativa de experiência pessoal.

Falantes de ambos os sexos e com idades de 25 a 50 e mais de 50 anos tendem a manifestar, destarte, os mesmos padrões de variação – aqueles observados para a totalidade da comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, mostrei a possibilidade de controle do gênero textual como índice de variação estilística. Os gêneros em que predominam estilos mais informais podem representar contextos favorecedores para o uso de variantes vernaculares, em contraposição aos gêneros em que predominam estilos mais formais, que podem favorecer o uso de variantes prestigiadas.

No caso dos conectores sequenciadores E, AÍ e ENTÃO, observei que o AÍ, uma variante vernacular, tem seu uso condicionado positivamente na narrativa de experiência pessoal, gênero em que predomina um estilo mais informal. Em contraste, esse conector tem seu uso restringido no relato de opinião, gênero em que predomina um estilo mais formal. Nesse gênero, passam a ser favorecidos os conectores E e ENTÃO, opções mais prestigiadas que o AÍ para contextos formais.

Esses padrões de variação estilística podem ser assim esquematizados:

- **NARRATIVA DE EXPERIÊNCIA PESSOAL:** +AÍ / -E /-ENTÃO
- **RELATO DE OPINIÃO:** -AÍ / +E /+ENTÃO

Observei, ainda, que esses padrões se mantêm constantes entre os membros da comunidade de fala de Florianópolis: o uso do AÍ diminui no relato de opinião, ao passo que aumenta o uso do E e do ENTÃO, independentemente do sexo e da idade dos falantes.

Embora a entrevista sociolinguística seja um gênero que não aparece na vida cotidiana de uma comunidade de fala, possivelmente a variação estilística nela encontrada seja um reflexo dos padrões de variação dessa comunidade. No caso dos conectores analisados, AÍ deve ser favorecido em narrativas de experiência pessoal, e E e ENTÃO em relatos de opinião também quando esses gêneros são produzidos em diferentes situações de interação cotidiana na comunidade de fala de Florianópolis. Essa hipótese pode ser testada em estudos futuros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECKERT, P. Style and social meaning. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

FREITAG, R. M. K. *et al.* O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia* n. 3, 2009. p. 1-23.

LABOV, W. Ordinary events. In: THORNBORROW, J.; COATES, J. (Eds.). *The sociolinguistics of narrative*. Amsterdam: John Benjamins, 2004. p. 31-43.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Cambridge: Blackwell, 2003. p. 234-250.

_____. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 85-108.

_____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. & WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Cambridge: Blackwell, 2003. p. 74-104.

ROBINSON, J.; LAWRENCE, L.; TAGLIAMONTE, S. *GOLDVARB 2001: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science. University of York. 2001. Disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>.

SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Cambridge: Blackwell, 1994.

SCHILLING-ESTES, N. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2002. p. 375-401.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina.

_____. Variação estilística no gênero “entrevista sociolinguística”: os conectores E, AÍ e ENTÃO em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião. In: OLIVEIRA, M. S. *et al.* (Orgs.). *Anais do VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais*. Natal. 2011. Disponível em: [http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Alice%20Tavares%20\(UFRN\).pdf](http://www.cchla.ufrn.br/visiget/pgs/pt/anais/Artigos/Maria%20Alice%20Tavares%20(UFRN).pdf).

_____. Gramática emergente: recorte de uma construção gramatical. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). *Gramática, texto e discurso: diálogos possíveis, novas perspectivas*. Contexto: 2012. (no prelo)